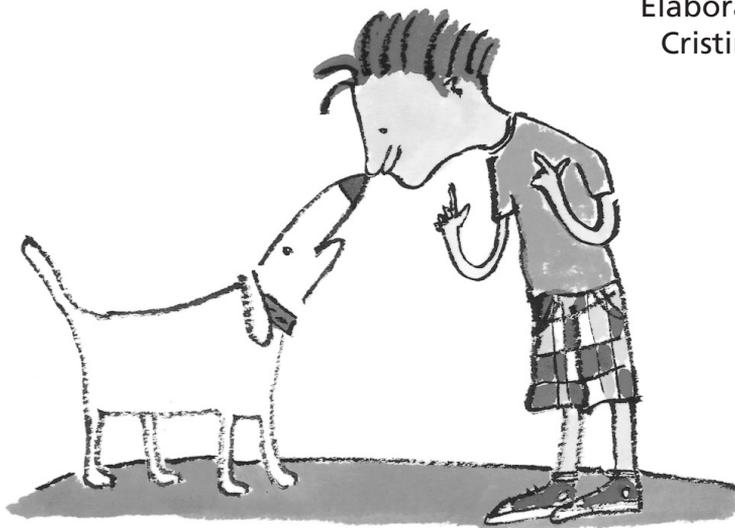


SOU DO CONTRA! SOU DO CONTRA!

limeriques de Tatiana Belinky

M A N U A L DO P R O F E S S O R

Elaborado por
Cristina Bassi



ilustrações de Mariana Massarani



LENDO JUNTOS

Uma das características da leitura é ela ter se tornado uma atividade individual, solitária. Dentro do ambiente escolar, em uma situação didática, essa condição silenciosa da leitura impede que o professor acompanhe o que se passa com os alunos enquanto leem. A consequência desta limitação é que ele só percebe as dificuldades de interpretação enfrentadas pela classe *a posteriori*, quando vai corrigir as atividades.

A proposta deste suplemento é que ele seja usado como um roteiro de leitura coletiva. Reunidos em círculo ou de qualquer outra forma em que todos possam se olhar ao falar, os alunos primeiro leem a questão lançada no roteiro e depois vão ao livro. Resolvida a questão, pode-se passar para a seguinte, e assim por diante. Dessa forma, cada criança pode focalizar previamente a atenção em um ponto do texto, determinado pelo roteiro.

Para as crianças que encontram mais dificuldade na leitura, este é um bom estratagem, pois seleciona apenas um ponto de observação e, ao mesmo tempo, oferece a possibilidade de haver o apoio imediato dos colegas e da professora a cada etapa da leitura. A cada questão do roteiro, abre-se uma oportunidade para tirar dúvidas, confirmar hipóteses e partilhar outros aspectos que não constam do roteiro, mas chamaram a atenção.

DESCOBRINDO A CAPA

O suplemento procura levar o aluno a experimentar diferentes movimentos de aproximação do texto. O primeiro consiste em levantar hipóteses. Exemplo: o personagem principal encontra-se ilustrado na capa? A pergunta não só chama a atenção para a ilustração, como levanta uma dúvida a ser conferida. O segundo movimento é justamente procurar, nas estrofes previamente apontadas pelo suplemento, as informações que refutam ou confirmam a questão.

A capa aponta para alguns elementos importantes da constituição do livro. Por se tratar de um texto de poesia, o “eu” que se oculta no título pode ser identificado com o eu poético que se apresenta como alguém “do contra”, não só no título, mas ao longo de todo o livro. Essa postura de “ser do contra” estabelece uma ligação entre as diversas estrofes, pois, em cada uma delas, o menino contará sua filosofia de vida (não obedecer a ninguém, fazer o que bem entende) e suas ações (furar fila, não tomar banho).



PERCORRENDO A HISTÓRIA

Ao percorrer as estrofes pedidas pelo roteiro, o aluno obtém um apanhado de frases que definem o caráter do garoto, mais ou menos como se a personalidade da personagem fosse sendo montada quadro a quadro, a partir de uma sequência de informações que vão sendo adicionadas.

OBSERVANDO A ILUSTRAÇÃO

A competentíssima ilustração de Mariana Massarini, longe de meramente representar o texto, completa-o. Enquanto, no texto, o garoto afirma fazer o que quer, a ilustração o mostra andando de bicicleta pela sala, quebrando e sujando móveis. Dessa forma, o texto visual imbrica-se perfeitamente com o texto verbal, porque exemplifica a que tipo de ação leva este modo de pensar. Se o menino alardeia o desrespeito às regras de civilidade, a ilustração assinala o desagrado das pessoas que convivem com ele e sofrem as consequências do seu individualismo.

Este diálogo entre palavra e desenho tem ainda a vantagem de abrir possibilidade para que cada aluno crie outros exemplos de ação que correspondem à ideologia defendida pelo garoto. Isso possibilita a troca de informações entre as crianças e o uso das experiências cotidianas como ponto de partida para reflexão.



Dito de outra forma, a ilustração oferece dados que relativizam o texto verbal porque apontam para as consequências dos atos das personagens. Enquanto, no texto escrito, a personagem faz a apologia do prazer sem restrições e está totalmente voltada para si, a ilustração funciona como um narrador que amplia o foco da discussão e mostra que o sentido de liberdade defendido pela personagem está equivocado porque ignora a existência das outras pessoas.



CONCLUINDO – A MORAL DA HISTÓRIA

No final, o discurso do garoto é interrompido e as pessoas que foram perturbadas durante todo o livro tomam a palavra e o excluem da história. A ilustração cria uma metáfora desta exclusão: os personagens, reunidos, posam para uma foto, para a qual o menino não é convidado. Uma imagem delicada e ao mesmo tempo contundente do sentimento de ser evitado pelo grupo e das desvantagens do despotismo.

Esta é uma posição muito difícil de ser conseguida na literatura infantil, cuja origem encontra-se historicamente enlaçada com a função didática de oferecer textos exemplares para a formação do caráter do aluno. O texto verbal de Tatiana Belinky e o texto visual de Mariana Massarani não escondem, em nenhum momento, a intenção de ensinar um preceito: o de que o individualismo é desrespeitoso. Há inclusive um final punitivo: o personagem acaba sozinho, desprezado por todos. No entanto, o que diferencia este texto dos antigos contos morais dos exercícios de leitura é que a questão não é tratada pelo prisma da moral (isso é feio, isso é errado) mas pelo prisma da razão (as ações têm consequências que precisam ser consideradas).

Dependendo da maturidade do grupo, a análise do livro pode ser concluída com uma discussão entre os alunos que mude um pouco o foco da análise, pois muitas vezes é necessário ser do contra, principalmente quando se trata de se rebelar contra situações que precisam ser mudadas. Ser do contra quando o assunto é preconceito ou injustiça, não é ruim, muito pelo contrário.

